

## APRESENTAÇÃO

### Sobrevidas da personagem

A personagem tem sido alvo de atenção crescente no campo dos estudos literários. As diversas causas desse interesse estão associadas às transformações do gênero romance a partir do século XX, as quais apresentaram mudanças radicais no modo de expressar o mundo e na forma de conceber o ser ficcional, o que afetou todo o processo de composição do gênero. Quanto mais se tornava produto da complexidade discursiva do universo narrativo, mais a personagem se aproximava da forma suscetível de representar o homem em sua autêntica verdade, remetendo leitores às mais diversas realidades humanas.

A partir do romance moderno, as pressuposições básicas do conceito de intriga alteram-se significativamente, sobretudo em relação às noções de caráter e de expressão do tempo. O abandono da forma simétrica e da lógica causal empregadas na formulação da intriga, características que garantiam a unidade do tempo narrativo, resultou em maior investimento na elaboração da *pessoa*<sup>1</sup>.

Podemos, assim, dizer que as personagens podem prevalecer sobre as ficções e ter uma vida para além delas, ou seja, uma sobrevida. E podemos nessa sobrevida surpreender manifestações bem singulares, correspondendo àquele movimento que Gérard Genette (em *Métalepse. De la figure à la fiction*; 2004) deduziu da figura de retórica chamada metalepse, ou seja, a passagem de um nível (narrativo, semântico, ontológico, etc.) para outro nível. Inclui-se nessa dinâmica o trânsito de entidades entre o mundo ficcional e o mundo real, como se entre eles se não levantassem fronteiras.

Paul Ricoeur (2007) trata da legibilidade e da visibilidade que são instauradas no processo narrativo ficcional, o que está na origem do poder do imaginário e que é tratado já por Aristóteles (2004), quando diz na sua *Poética* “colocar sob os olhos”. O discurso, assim, materializado na figura da personagem, com o que tem de persuasivo e verossímil, coloca-se como o meio de imprimir a visibilidade da linguagem, entre a metáfora viva e a existência viva.

Entendendo-se aqui a questão da figuração numa acepção deliberadamente plurissignificativa e com conotações que remetem para a retórica, o dossiê que apresentamos

---

<sup>1</sup> Michel Zérafra, em *Pessoa e personagem* (2010), apresenta um estudo minucioso da personagem nos romances dos anos de 1920 a 1950, no qual sistematiza uma visão das transformações do herói nesse período, relacionando-o diretamente às diferentes concepções que fundamentam a noção de *pessoa*, cujo sentido oferece suporte à construção da personagem. O conceito de pessoa origina-se da observação dos sentidos incorporados à personagem no romance, os quais derivam de um modo de constatação da realidade associado à determinada visão da existência humana.

assume como propósito central a reunião de estudos sobre a personagem ficcional, compreendida como categoria fundamental do discurso literário e também de discursos estabelecidos pela relações transliterárias que a personagem ficcional permite, tendo em conta a sua existência noutros universos de linguagem, designadamente não literários.

No domínio da história literária, numa aceção moderna e teoricamente consistente que remete sobretudo para o tratamento e reelaboração da personagem, os oito ensaios que apresentamos voltam a atenção às mutações periodológicas, às transformações histórico-culturais e às oscilações ideológicas da personagem. Azurra Rinaldi, em *A sobrevida de Merlim: da Idade Média à Contemporaneidade*, constata o aspecto contínuo que caracteriza a construção da personagem ao longo do tempo. Jian Marcel Zimmermann, no ensaio *Sobrevida artística de Calvero: do cinema à literatura/ de Luzes da Ribalta a Satolep*, numa perspectiva semântica, trata da problemática de constituição de um certo tipo de entidade ficcional, cuja autonomização literária não dispensa uma reflexão acerca da transposição da personagem entre distintos universos de linguagem.

Isis Milreu, no ensaio *Matar a Borges: quando o autor vira personagem* aponta o processo de literaturização como forma possível de transposição da figura ficcional. Os aspectos constitutivos da transição da figura do autor para a figura ficcional também são alvo de atenção no ensaio *A construção da figura ficcional de Fernando Pessoa nos romances de José Saramago e Nuno Camarneiro*, de autoria de Gabriela Silva, que trata dos movimentos de formulação discursiva da figura de Fernando Pessoa e sua transcendência para além do imaginário português dos séculos XX e XXI.

O ensaio *Entre cores e fragrâncias: a permanência do espaço nas configurações de Iracema*, de Mirhiane de Abreu, apresenta-nos um estudo das estratégias metalépticas no tecido ficcional da obra de Alencar e a sobrevida da personagem, a partir de elementos paisagísticos e suas relações com outras duas obras, *Inocência* e *O cortiço*. A seguir, Fernanda de Oliveira e Elizabeth de Lima, com o ensaio *Entre o romance e a cena: figurações da personagem Sargento Getúlio*, tratam das figurações da personagem no romance de Ubaldo Ribeiro e seus prolongamentos no texto dramaturgicamente homônimo do roteirista e diretor teatral Gil Vicente Tavares, de 2011.

A irreverência da personagem Pinóquio e a sobrevida dessa figura no imaginário de adultos e crianças através dos tempos é o tema do ensaio de Maristela Girola, *Mais de um século de Pinóquio: a “vida” e a “sobrevida” do boneco-menino*. A autora analisa, desde a aparição do personagem em 1883, no romance de Carlo Collodi, a transposição dessa figura no imaginário cultural, por meio de diferentes suportes semióticos, envolvendo a literatura, o teatro e o cinema.

No último ensaio do dossiê, *Sob a égide de Capitu: o redimensionamento da personagem feminina de Dom Casmurro no romance Divórcio*, de Ricardo Lísias, Rafael Guimarães mostra a presença de elementos constituintes do imaginário em torno da personagem machadiana e o

redimensionamento da ideia de feminino que materializa Capitu no romance *Divórcio*, de Ricardo Lísias.

É nesse contexto de mudanças incessantes, de novos procedimentos de formulação discursiva e ontológico-narrativa, que a personagem ficcional deve ser encarada como categoria eminentemente dinâmica e valorizada nessa sua condição; e assim, pode afirmar-se que desde os primórdios dos tempos até os dias atuais a personagem conhece transformações e reajustamentos que fortemente afetam a sua configuração e o potencial semântico-pragmático que lhe é próprio.

A Seção Livre é composta por três ensaios: em *Hamlet no cinema: por uma historiografia crítica das principais adaptações*, Marcel Alvaro de Amorim realiza uma historiografia crítica da peça no cinema mundial, atentando para as formas de reconstrução da história do príncipe dinamarquês em novos contextos socioculturais; em *Entre a realidade e a ficção na vida de Lampião: uma análise da obra Lampião na cabeça*, de Luciana Sandroni, Marcos Falco de Lima apresenta-nos um estudo da perspectiva teórica que abrange a escrita biográfica; *Amores brancos, tragédias negras: um olhar sobre a história do escravo Biró e sua senhora Mariana*, de Ciro Fonseca, Elen da Silva e Sebastião Cardoso, tematiza o amor e a sua tragicidade em meio às relações de poder na sociedade patriarcal colonial.

A todos uma excelente leitura.

Profa. Dra. Ilse Maria da Rosa Vivian (URI)

Prof. Dr. Carlos Reis (Universidade de Coimbra)

## Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. 4 ed. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- GENETTE, Gérard. *Métalepse. De la figure à la fiction*. Paris, Éd. du Seuil, coll. Poétique, 2004.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- ZÉRAFFA, Michel. *Pessoa e personagem: o romanescos dos anos 1920 aos anos de 1950*. Trad. Luiz João Gaia e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.